O aprendizado não precisa ser sofrido nem solitário

maio, 2011

Um dia desses, conversando com um mestrando, ouvi a seguinte pergunta: "Por que aprender tem que ser tão sofrido e solitário?" Realmente, o aluno tem razão, por que aprender deve ser sofrido? Será que precisa, obrigatoriamente, ser assim?

De certa forma, esse questionamento toca em um assunto essencial da trajetória humana que é o crescimento pelo qual necessitamos passar ao longo de nossas vidas e que é fundamentalmente pessoal e, nesse sentido, solitário. Por esse ponto de vista, aprendizado, compreendido como crescimento, também é solitário. Mas ele se apresentará sempre solitário? Além disso, tem que ser ainda dolorido? Se tomarmos como exemplo o desenvolvimento infantil, a resposta será negativa. Crianças assimilam coletivamente e, mais do que isso, não conferem ao ato de aprender — principalmente na primeira infância — uma conotação dolorosa — portanto, é de se indagar por que adultos bem formados e esclarecidos fariam isso.

Carol Dweck, na sua obra já comentada em um número anterior do Visão — Mindset - The New Psychology of Success — atribui essa tendência a como a pessoa encara o crescimento durante sua vida. Relembrando rapidamente o argumento dela, existiriam pessoas que aperfeiçoam uma mentalidade fixa em relação ao seu aprendizado e pessoas que desenvolvem uma mentalidade flexível, de crescimento, em relação a aprendizagem. A fixa é caracterizada por crenças como a de que o sucesso de alguém é baseado em capacidades inatas e talentos herdados, enquanto a de crescimento é evidenciada pela convicção de que as conquistas são devidas a trabalho e aprendizado. Dweck identificou que pessoas com mentalidade fixa imputam às dificuldades naturais que vêm com o crescimento uma contestação de sua inteligência e sua capacidade. Por toda essa perspectiva, aprender é realmente doloroso, pois os inevitáveis tropeços que ocorrerão no decurso do caminho me desqualificam na minha essência. Por outro lado, as pessoas que aprimoram a mentalidade de crescimento tendem a ver os desafios e os obstáculos como simplesmente algo natural na do aprendizado e abraçam com maior flexibilidade os desafios.

Bem, isso é pela parte do aluno ou, de modo mais amplo, de quem tem que dominar um novo conteúdo ou uma nova habilidade. Digo isso pois esse comportamento pode ser observado tanto em alunos quanto em profissionais maduros, na medida em que precisam melhorar novas competências ao longo de suas carreiras. Mas, e do lado dos professores, o que poderíamos fazer para facilitar que nossos alunos adotem, desenvolvam, uma mentalidade de crescimento?

Embora eu não tenha uma resposta totalmente conclusiva a essa pergunta, a mim parece que a chave para influenciar o estado mental de nossos alunos ou, de forma mais genérica, de nossas plateias — sim, sintam-se à vontade na aplicação desses conceitos em apresentações, eventos, empresas, etc. — passa por duas dimensões: segurança e engajamento.

Dito de outra maneira, devemos nos perguntar como podemos transformar nossas salas de aula em locais seguros — não no significado de segurança física, mas no sentido de a pessoa se sentir tranquila para se expor perante o grupo — e como devemos conquistar o engajamento dos nossos alunos no processo de aprendizado.

Muito se fala sobre o jovem, de que o ele é muito impaciente, imediatista e, até mesmo, indisciplinado. Porém, esse mesmo jovem, quando se convence da importância do objetivo, seja um tópico da disciplina ou toda a disciplina, e de seu encadeamento com o desafio seguinte, é capaz de se entregar totalmente à obtenção daquele propósito, a consentir o aprendizado. Nesse sentido, análogo aos games, ao acompanhar o comportamento de um jovem ao jogar seu game favorito, pode-se verificar que isso é verdade. Não seria bom se conseguíssemos obter o empenho dos nossos alunos da mesma forma que os games conquistam o dos seus jogadores?

Para finalizar, retorno ao argumento da professora Carol Dweck, de que as pessoas podem encarar desafios e erros como um passo para alcançar a maestria ou como derrotas imutáveis em sua história. Cabe a nós, educadores que somos, facilitarmos o desenvolvimento de posturas saudáveis — e isso está intimamente ligado ao nosso trabalho em sala de aula.

Obrigado e até nosso próximo encontro.

Alexandre Gracioso
Diretor acadêmico
ESPM